

Os criadores de riqueza - e os rapinadores que querem sabotá-los

Evan Spiegel (25 anos), Bobby Murphy (27), Julio Mario Santo Domingo III (30), Mark Zuckerberg (31), Dustin Moskovitz (31), Elizabeth Holmes (31), Scott Duncan (31), Nathan Blecharczyk (32), Brian Chesky (34) e Joe Gebbia (34).

Com a provável exceção de Mark Zuckerberg, você talvez nunca tenha ouvido falar dos outros. Quem são? Os dez jovens mais ricos do mundo.

O patrimônio médio de cada um deles chega a 3,7 bilhões de dólares (excluindo-se Zuckerberg, cujo patrimônio chega a 39 bilhões de dólares).

Uma das críticas mais comuns feitas ao capitalismo se baseia em seu suposto caráter dinástico: os ricos de hoje são os herdeiros dos ricos de ontem, de modo que as desigualdades de renda vão se consolidando, se perpetuando e se exacerbando com o passar do tempo.

Não obstante, de toda a lista acima, apenas dois daqueles dez jovens multimilionários herdaram sua fortuna: o DJ Julio Mario Santo Domingo III (que recebeu do seu avô, o empresário colombiano Julio Mario Santo Domingo, o grupo Bavaria, uma cervejaria) e Scott Duncan (que obteve do seu pai a empresa de gasodutos e oleodutos Enterprise Products).

Todos os outros oito são bilionários precoces que enriqueceram e cresceram pelos próprios esforços, pois souberam criar valor para terceiros.

Evan Spiegel e Bobby Murphy são dois jovens universitários que criaram o Snapchat, um aplicativo de smartphone que envia mensagens, fotos e vídeos que se autodestroem em no máximo 10 segundos (de modo que o conteúdo não fica salvo no dispositivo alheio), e cujo valor de mercado já chega a 15 bilhões de dólares.

Mark Zuckerberg e Dustin Moskovitz fundaram o Facebook (cuja história já é amplamente conhecida), empresa cujo valor de mercado chega a 260 bilhões de dólares.

Elizabeth Holmes, ainda aos 19 anos, largou a faculdade de Engenharia em Stanford e usou o dinheiro que gastava na anuidade para fundar sua startup, a Theranos, um laboratório dedicado a efetuar análise de sangue extraindo *apenas uma gota* dos capilares, sem utilizar as tradicionais agulhas.

A empresa está revolucionando o setor de diagnóstico com testes mais rápidos — o resultado sai em apenas algumas horas — e muito mais baratos, acabando com a angústia da espera de dias para saber se há algo errado com o seu corpo.

Há estimativas de que, se todos os testes forem feitos com o preço cobrado pela Theranos, a saúde pública dos EUA economizaria cerca de 100 bilhões de dólares na próxima década. O valor de mercado da Theranos é estimado em 20 bilhões de dólares.

Nathan Blecharczyk, Brian Chesky e Joe Gebbia criaram o Airbnb, o qual representa uma nova forma de hotelaria caseira. Trata-se de um serviço online comunitário no qual as pessoas anunciam, buscam e reservam acomodações, e que permite a qualquer indivíduo alugar o todo ou parte de sua própria casa para qualquer outra pessoa, como uma forma de acomodação extra. O site fornece uma plataforma de busca e reservas entre a pessoa que oferece a acomodação e o turista que busca pela locação.

O Airbnb representa uma forte concorrência às redes de hotelaria no mundo inteiro, e seu valor de mercado é estimado em 20 bilhões de euros.

A atual riqueza de todos estes empreendedores é consequência direta do bem-estar que eles geraram — e que se espera que continuem gerando — para milhões de pessoas. No entanto, tal riqueza jamais está garantida e jamais está a salvo das vicissitudes do mercado: caso tais pessoas deixem de continuar gerando bem-estar para as pessoas, e caso o público consumidor repentinamente deixe de atribuir valor a estes serviços oferecidos, essa riqueza irá se evaporar tão rapidamente quanto o vinho, sem que nenhum burocrata tenha de confiscá-la.

Um dos erros mais frequentemente encontrados na maioria das análises ideologizadas da ciência econômica é aquele que pressupõe uma visão estática da riqueza. Quem pensa que a riqueza é estática cai no erro de considerar que, quando uma pessoa se torna rica, ela e seus herdeiros serão ricos — e cada vez mais ricos — para sempre. A prova cabal da falácia desse raciocínio é o fato de que quase todos os bilionários que apareceram na primeira lista da Forbes, de 1987, já deixaram de sê-lo atualmente, e foram substituídos por pessoas novas e majoritariamente não-herdeiras.

Contrariamente ao que muitos imaginam, não é nada simples conservar seu patrimônio em uma economia de mercado: este sempre estará ao sabor (1) das volúveis e inconstantes preferências dos consumidores, (2) do surgimento de novos concorrentes que podem acabar roubando sua fatia de mercado, ou (3) de um possível reajuste (e posterior colapso) do preço dos seus ativos.

Conclusão

Foi Ludwig Von Mises, ainda na década de 1940, quem melhor explicou esse fenômeno:

Em uma economia de mercado, naquela em que há liberdade de empreendimento, e ausência de privilégios e protecionismos estatais, a riqueza de um indivíduo representa a recompensa concedida pela sociedade pelos serviços prestados aos consumidores no passado. E esta riqueza só pode ser preservada se ela continuar a ser utilizada — isto é, investida — no interesse dos consumidores.

Atribuir a cada um o seu lugar próprio na sociedade é tarefa dos consumidores, os quais, ao comprarem ou absterem-se de comprar, estão determinando a posição social de cada

indivíduo. São os consumidores que determinam a renda de cada membro da economia de mercado.

Se um empreendedor não obedecer estritamente às ordens do público tal como lhe são transmitidas pela estrutura de preços do mercado, ele sofrerá prejuízos e irá à falência. Outros homens que melhor souberam satisfazer os desejos dos consumidores o substituirão.

Os consumidores prestigiam as lojas nas quais podem comprar o que querem pelo menor preço. Ao comprarem e ao se absterem de comprar, os consumidores decidem sobre quem permanece no mercado e quem deve sair; quem deve dirigir as fábricas, as fornecedoras e as distribuidoras. Enriquecem um homem pobre e empobrecem um homem rico. Determinam precisamente a quantidade e a qualidade do que deve ser produzido. São padrões impiedosos, cheios de caprichos e fantasias, instáveis e imprevisíveis. Para eles, a única coisa que conta é sua própria satisfação. Não se sensibilizam nem um pouco com méritos passados ou com interesses estabelecidos.

Desgraçadamente, um número cada vez maior de políticos e economistas promove o mito de que o capitalismo é um sistema dinástico que premia apenas os que já nascem em berço de ouro, e fazem isso com o intuito de explorar o ressentimento social e de justificar sua rapinagem sobre os geradores de riqueza, inclusive de empreendedores e poupadores médios.

É imperativo que não caiamos nessa armadilha estatista: a melhor e mais duradoura maneira de reduzir a pobreza não é destruindo a riqueza; não é confiscando o dinheiro de quem enriqueceu gerando valor para o público consumidor. A melhor e mais duradoura maneira de reduzir a pobreza é abolindo todas as barreiras que impedem que as pessoas tenham a oportunidade de enriquecer por meio do empreendedorismo.